



## **Conhecimento: ciência, arte, tecnologia - formas de definição, expressão e intervenção no real**

**Madel T. Luz**

Ao longo de sua trajetória no tempo, que denominou história, a espécie humana desenvolveu três habilidades (principais) que garantiram sua permanência e expansão no planeta: 1) a de atribuir sentido às suas experiências, compartilhando-as com membros de sua espécie e até com outras (submetendo-as ou domesticando-as); 2) a de exprimir esteticamente conteúdos de experiências vividas ou mesmo de recriá-las através de variadas formas de expressão; 3) a de moldar, refazer por reforma ou construir objetos de trabalho e de uso cotidiano, acumulando os saberes resultantes dessas práticas, aperfeiçoando-os ou refazendo-os.

Essas três habilidades, operando em conjunto, mesmo com discordâncias ou concorrência, garantiram à humanidade o lugar de espécie dominante na Terra. Por serem todas portadoras de sentidos compartilháveis devem ser consideradas modos de conhecimento, isto é, de apreensão, expressão e transformação do real. Estamos falando de conhecimento, arte e tecnologia: formas de apreensão e formulação abstrata do real; de modos de expressão estética de experiência do real; de modos de criação/modificação de objetos, através de formas práticas ou teóricas de intervenção no meio social - ou natural - em busca de melhorar resultados no agir e viver humanos.

Cada um desses modos de apreender, explicar, exprimir ou modificar realidades internas - ou externas - ao ser humano tem suas especificidades. Mas os três modos operam geralmente em conjunto, ainda que se desenvolvam de modo concorrencial ou conflitivo na sociedade ao longo da história. Na sociedade contemporânea esses

três modos de apreensão, expressão e modificação do real, ou seja, conhecimento, arte e técnica, estão organicamente associadas. Impossível dissociá-las.

Ao longo da história da humanidade, o conjunto acumulado dessas três dimensões, as quais reúnem a produção de sentidos e de objetos pelos seres humanos pode ser denominado Cultura. É importante ressaltar que: todas as dimensões da cultura supõem conhecimento, todas implicam em alguma expressividade; não há conhecimento sem arte. E todas supõem formas específicas de técnicas que viabilizam a produção de conhecimentos abstratos, que denominamos ciência, assim como de expressões estéticas que denominamos artes.

Conhecimento em sentido estrito – formas de apreensão e expressão abstrata do real, com emprego de métodos e técnicas de captação de objetos específicos construídos, visando sua compreensão ou explicação

A definição cognitiva da matéria, ou seja, a busca de apreensão formal, de descrição e de explicação da vida em todos os seus aspectos e manifestações, através de procedimentos sistemáticos, classificatórios, ordenatórios, supondo uma estabilidade teórica e empírica no tempo, pode ser denominada conhecimento científico. Essa atividade de definição supõe o amparo de técnicas para desenvolver-se. Não há conhecimento científico sem métodos e técnicas de pesquisa que viabilize sua atividade. A tecnologia como dimensão infusa da ciência é muito importante para se perceber a natureza do conhecimento.

Esta atividade ou, melhor dizendo, esse conjunto de atividades, está na base da fixação do humano como espécie, legitimando-a como superior às demais. Pode-se dizer, desta perspectiva, que o conhecimento, no sentido mais amplo, abrange o conjunto de apreensões, inserções, expressões estéticas e intervenções materiais no real em sua diversidade concreta.

É necessário ressaltar que existem, historicamente, variadas formas de produzir/acumular conhecimento, tanto quanto à estrutura discursiva quanto às finalidades de captar/formular a realidade ou de conhecer o real, e que todas aportam resultados em função de sua natureza e objetivos:

- Por seleção de aspectos específicos, ou de recortes teórico/formais de setores da realidade selecionada, buscando fornecer explicação para questões

levantadas neste processo; pode ser vista como um processo de objetivação do real: é a atividade denominada ciência.

- Através de atividade contemplativa: artística, mística ou metafísica. O produto desta forma de conhecer pode ser teórico, prático ou técnico (objetos fruto da atividade contemplativa, ou modos de proceder, ou textos, doutrinários ou não);
- Através de inserção ativa no real: agir técnico, artístico, artesanal, político e de “saber/fazer” (acumulação de conhecimentos e de tecnologias desenvolvidas por experiências práticas dos agentes ao longo do tempo. Em francês “*savoir faire*”).

É preciso assinalar, também, que não estamos considerando aqui as assim denominadas faculdades humanas do conhecer, como a inteligência, a imaginação, a intuição, a sensibilidade e a própria memória (que permite preservar o conhecimento e seus avanços), sem as quais não haveria ciência, arte ou tecnologia.

Neste texto nos detemos no modo científico de aproximação da realidade, com seu método consagrado de abordagem de realidades, isto é, através da construção de projetos específicos de investigação, articulados em disciplinas específicas ou em programas interdisciplinares, destinados a atividade da pesquisa, e sua discussão.

É necessário assinalar ainda que o processo de produção científica, através da concretização de projetos, não é tanto um processo de “descoberta” de algo oculto que se quer provar, mas frequentemente, na contemporaneidade, um processo de produção experimental de ‘modelos hipotéticos’. Em termos resumidos, trata-se mais de inventar (ou mesmo produzir) a realidade que de “descobri-la”. Mais um motivo para não separarmos as três raízes do conhecimento humano: ciência, arte, tecnologia.

O conhecimento, visto como categoria analítica, não limitada a um conceito “duro” da epistemologia na modernidade - e pós modernidade - pode ser descrito, com seus sentidos possíveis, a partir de:

1. Modos de apreensão e de formulação teórico explicativa do real (“conhecimento teórico”): tanto o experienciado por diferentes sujeitos, como o que resulta da observação de aspectos particulares da realidade: próprio da(s)

ciência(s), organizando-se em proposições sistemáticas estruturadas em discursos específicos, variando de acordo com uma lógica e uma episteme específica de acordo com a época histórica;

2. Modos de expressão do real cultural, segundo lógicas historicamente situadas de atribuição de sentidos e significados a fenômenos vivenciados singular ou coletivamente, visando a uma intervenção social eficaz na cultura, ou mesmo a sua classificação em termos de ordens de sentido e significados atribuídos aos fenômenos (ordenação simbólica). O conhecimento é resultado, neste caso, de saberes organizados e historicamente difundidos nas diversas culturas, sejam eles tradicionais ou não.
3. Ligados aos saberes mencionados acima tem-se, conseqüentemente, um conjunto de saberes/práticas destinados à intervenção na organização da sociedade, e na ordem da vida e do viver humano: política(s) e arte(s) de cura. Estes operam segundo lógicas específicas que deveriam atuar sob o paradigma da eficácia, lembrando, entretanto, que eficácia é também fruto de construção sociocultural.
4. Modos de apreensão e expressão interpretativa estética do real, em seus variados aspectos: as artes, não reconhecidas como produção de conhecimento.
5. Práticas discursivas simbólicas, de caráter frequentemente ritualístico, expressivas de processos culturais coletivamente apreendidos, vividos e socialmente difundidos, de acordo com os modos de comunicação vigentes nas distintas culturas.

## Referências

JULLIEN, François. **O diálogo entre as culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LUZ, Madel Therezinha. **Natural, racional, social**: razão médica e racionalidade científica moderna. p. 21-39.

MARX, Karl. Prefácio à crítica da Economia Política. In: **Introdução à Crítica da Economia Política**. Versão em português da Coleção Os Pensadores.

MOLES, A. Abraham. **A Criação Científica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998, p.3-14 mais Prefácio à Edição Brasileira.

SFEZ, L. **A saúde perfeita**: crítica de uma nova utopia. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 1º capítulo.